Memórias, Saberes e identidades do lugar

Joaquim Justino Moura dos Santos*

Resumo
O artigo trata de duas frentes de investigação desiguais que trilham um mesmo caminho: o do conhecimento e ensino da historia. Interessei-me a principio em explicar mudanças ocorridas entre 1950 e 1980, no bairro de Inhaúma (RJ). Ampliando de bairro para as freguesias de Inhaúma e Irajá, retrocedi à chegada dos primeiros colonos locais em fins do século XVI, até a década de 1920, sob o prisma econômico e social, em terras hoje ocupadas por cerca de 78 bairros. Alvo de dissertação e depois de tese de doutorado, o estudo abriu uma nova frente de pesquisa, associada ao ensino médio e fundamental à qual dei o nome de *História do Lugar*. Articulando os resultados de meus estudos com a história das localidades do subúrbio em que lecionava no ensino médio, contei com a participação ativa de alunos: seu grau de interesse pela pesquisa superou todas as expectativas iniciais. Nosso objeto de reflexão aqui se insere nos campos da preservação da memória, dos saberes e identidades, que, abordados pelas comunidades escolares, são capazes de gerar, reproduzir e difundir saberes e formas de expressões culturais. Formas estas vitais para a preservação das identidades locais, afetadas em suas essências pela invasão de práticas e visões homogeneizadoras e globalizantes que dominam a cena internacional da atualidade.
Palavras chaves: Memória, Identidades, Subúrbio do Rio de Janeiro.

Memories, Knowledge and Local Identities

Abstract
This work brings together two different areas of research that run parallel to each other: that of knowledge and of the teaching of history. Originally I was interested in investigating and explain the changes in development that occurred between 1950 and 1980 in the suburb of Inhaúma, city of Rio de Janeiro. I expanded the investigation from the neighborhood to the borough of Inhaúma and Irajá (an adjacent borough). I examined the original impact of the first local colonizers who arrived to the area at the end of the Sixteenth Century and stayed into the 1920s, which today is occupied by 78 neighborhoods and I studied it from the social and economic perspective. This study, which I named History of the Place, was the subject of my dissertation and then my doctoral thesis, culminating with the opening of a new research area, integrated into the fundamental teachings of middle school education. I integrated the results of my studies with the history of specific places in the suburbs where I was teaching high school, engaging the active participation of my students. Their level of interest in the research went far beyond my initial expectations. The focus of my research is inserted in the fields of memory preservation, knowledge and identity, which once approached by educational communities, are able to generate, reproduce, disseminate knowledge and forms of cultural expression that are essential for the preservation of local identities bound to be affected by the invasion of globalizing homogenization, which dominate the contemporary international arena.
Key-words: Memories, Local Identities, Suburb of Rio de Janeiro.

* Professor Adjunto II da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro-UNIRIO.

1 – Reflexões sobre o estudo da história e da memória dos lugares do subúrbio carioca

O estudo da história, da memória e da formação dos lugares do subúrbio carioca, em sua grande parte, ainda está por ser feito. Não se percebe ainda hoje a realização de investigações mais aprofundadas a respeito da história dos numerosos lugares e comunidades do subúrbio do Rio de Janeiro.

Isso não quer dizer que esses estudos não se mostrem essenciais na atualidade. Muito pelo contrário! Na realidade suburbana, na qual os bem mais numerosos habitantes vivem hoje inquietações de todo o tipo. Instabilidades que vão da crescente violência, à perda de seus espaços de convivência. Espaços estes, vitais por estarem entre os maiores propulsores de uma antiga identidade comunitária, construída em grande parte coletivamente, no longo tempo local. Esses, entre outros fatos, é que sinalizam a perda que significa a carência de estudos sobre as memórias e histórias dos lugares do subúrbio carioca. Carência e perda de particularidades essenciais ao dia a dia de seus habitantes, que se mostram cada vez mais ameaçados em sua qualidade de vida, ao vivenciarem, mais intensamente do que ninguém, a sua própria realidade.

Ocorre que, se mesmo os antigos e mais idosos moradores locais, têm dificuldades em entender o rápido processo de transformações, dadas nas últimas décadas nos lugares onde vivem – por mais que percebam com clareza as perdas que estas significaram para as suas qualidades de vida e de convivência social.. O que dizer dos mais jovens e adolescentes a esse respeito? Estes últimos, que, em geral, sequer tiveram informações para construir uma memória que lhes permita diferenciar as mudanças locais no tempo, e, muito menos, os efeitos que causaram sobre suas vidas e as de seus familiares. Que, por vezes, são levados a acreditar que as formas de vida e de convivência locais, são as mesmas e únicas que sempre existiram. É por essa razão, em meu juízo, que em geral não vêem sentido em preocupar-se com elas, ou em ao menos buscar conhece-las, principalmente quando o discurso dominante às coloca como ultrapassadas, ameaçadoras, ou simplesmente inferiores.

Perguntamos então: que significados essas mudanças, bem como o que existe nos lugares onde moram esses jovens e adolescentes, teriam para suas vidas; tão envolvidas, desde que nasceram, em uma sociedade onde o consumo é cada vez mais importante, impulsivo e frequentemente compulsivo para alguns? E, ao mesmo tempo, o não acesso a ele, é cada vez maior e mais destrutivo para uma imensa maioria da população carioca, no que tange à sobrevivência e preservação de suas identidade social e dignidade humana. Como podem eles na atualidade, sem esse e outros conhecimentos e atributos, usufruir da condição de cidadãos,

vistos enquanto pessoas, se não conscientes, ao menos com noções esclarecedoras de suas raízes históricas, sociais e culturais?

Que sentido teria um povo sem as suas raízes, se não o de servir a outros não destituídos de suas raízes e do chão real e simbólico dos lugares onde elas brotaram. Ou que, alimentando-se do chão e de suas histórias passadas, mas nunca ultrapassadas, deram a ele uma vida integral, com o significado e o papel que só ali, e no seu tempo, poderiam ser alcançados.

É vislumbrando a conquista, a produção, a difusão e a preservação desse sentido, e de outros que lhe sejam combinados, em busca de conhecimentos que possibilitem a reconstrução ou o resgate das memórias, histórias e identidades dos lugares do subúrbio carioca, que vemos como cada vez mais relevante a execução de estudos e projetos sobre o tema.

Assim, nos limites deste artigo, mais do que traçar um movimento cronológico com os dados específicos de que dispomos, sobre o processo de formação do subúrbio do Rio de Janeiro propriamente dito[1]. Pretende-se sim, estabelecer relações entre os principais fatores que, acredito, se articularam entre si, para dar origem ao subúrbio no período e no espaço do município em que realmente nasceu. E, é claro, com as funções que o caracterizaram como tal no período em estudo. Ao falar sobre as funções da cidade, José de A. Barros, nos revela uma boa variedade delas, quando afirma que:

> *"De fato, parece comprovável que em determinados sistemas histórico-sociais algumas funções ocupem um primeiro plano em relação a outras que haviam sido mais evidentes em período anterior. Funções 'cultural', 'religiosa', 'ambiental' (residencial ou turística), política ('militar' ou 'institucional.), 'econômica' (industrial ou 'comercial'), – aí estão algumas das funções mais citadas nos estudos urbanísticos do século XX". (Barros, 2007, p.101)*

Com essa perspectiva, partimos do princípio de que o nascimento do subúrbio se deu mais propriamente entre as décadas de 1870 e 1930, nas áreas até então correspondentes às então freguesias de Inhaúma e de Irajá – hoje ocupadas por cerca de 78 bairros.(SANTOS, 1997, pp.22-30). E, de que, entre as suas funções no município do Rio de Janeiro no período, reduzida a tradicional função agrícola de exportação e de abastecimento da cidade, tornou-se dominante a de suprir o mercado de trabalho industrial e o do setor de serviços coletivos e comerciais, concentrados nas freguesias do centro da cidade. O Qual, por isso mesmo,

[1] Entendo aqui por subúrbio propriamente dito, entre as últimas décadas do século XIX e as duas primeiras do século XX, a área ocupada na época pelas freguesias de Inhaúma e de Irajá (do Engenho de Dentro para o norte, até os arredores de Parque Anchieta; dali até Pavuna, Vigário Geral, e deste bairro até o do Caju, retornando ao ponto inicial, nos dias de hoje), por onde também entendemos ter se iniciado a formação do subúrbio carioca.

demandava e atraía um rápido e crescente número de habitantes para o município, em grande medida, formado por trabalhadores da indústria e da manufatura, cuja quantidade e presença então se expandiam. (SANTOS, 1997, cap.4, pp.235-43).

Como parte inseparável desse processo, notamos que o subúrbio propriamente dito (vide nota 3), iniciou-se no espaço que lhe foi atribuído no período, e com as funções de suprir a cidade com mão-de-obra. Que se constituiu inicialmente, em uma grande área residencial proletária, formada ao redor do perímetro urbano, em uma relação direta com a dinâmica e o contexto histórico que envolvia o núcleo central da cidade, onde ficava a sede da capital do país. Pergunto a alguns autores que se contrapõem à idéia, por que não uma área residencial proletária, como defendi em minhas dissertação e tese, e agora a retomo, se os dados apontam para isso, enquanto fator ou categoria social dominante entre seus habitantes. Sobretudo entre os de sua população ativa, vista nesse ponto do subúrbio e momento de sua formação, a partir das freguesias de Inhaúma e de Irajá. Onde, afinal, também defendo que nasceu.

Verificamos também que as transformações econômicas, sociais e culturais, que ocorriam no centro da cidade, como também a atuação do Estado, associado a novos capitais e grupos de interesse, ao final do regime monárquico e início da república, influíram decisivamente para a instalação de uma nova estrutura urbana na capital. Esta, mostrava-se mais adequada aos anseios de tais grupos, que se beneficiavam e colaboravam com a passagem da sociedade escravista para a capitalista, buscando construção e a consolidação desta última, em seu próprio proveito, no período. É bem adequada para o aprofundamento dessa questão, a noção que nos é referida por José Barros, ao remeter-se à visão de Floyd Hunter, afirmando com base nele que:

> *"...existe uma distribuição desigual do poder em relação à distribuição da riqueza e do poder econômico, registrando-se a exclusão de uma larga base de cidadãos das decisões de interesse coletivo. Conforme esta perspectiva, somente umas poucas pessoas que representam o grupo das elites, dentro do qual existe um homogeneidade e coesão, detêm os poderes de decisão sobre o resto da comunidade. Assim forma-se dentro do grupo das elites um setor especial que o autor chamou de 'elite do poder' – homens que detêm simultaneamente poder, prestígio e influência – e que só excepcionalmente assumem posições de poder político na comunidade, valendo-se na maior parte dos casos de uma 'subestrutura' constituída pelos gestores de decisões". (BARROS, 2007, p. 65).*

Nas palavras de Jose Barros, sobre o conceito de "elite no poder", desenvolvido por Floyd Hunter, vimos o bom suporte que o mesmo nos dá para a análise do processo de apropriação dos espaços e patrimônios da cidade pelas elites dominantes, assim como a legitimação disso, possivelmente contando sempre para isso, nos bastidores, com um grupo mais restrito entre os dominantes, que entendo formar também um espécie de "inteligência", posta a serviço de si própria e de seus representados, em ambos os casos, membros das elites

dominantes. A quem senão a elas caberia defender, institucionalizar e legitimar os seus próprios interesses, que eram na época voltados principalmente para a construção, implantação e consolidação do novo centro urbano, sede da capital da República, em moldes capitalistas, em seus próprios benefícios.

Com os dados que disponho até o momento, entendo que, no bojo da nova estrutura, então instaurada por esses mesmos grupos dominantes e, dentre eles os que compunham uma elite do poder, incluía-se a criação de uma área dedicada à morada do também novo proletariado, que se formava com um crescente número de trabalhadores. Sobre esse fenômeno urbano, é esclarecedora a noção de "habitat", discutida por Henry Lefebvre, ao analisar a construção de idéias e a ação de intelectuais pensadores da sociedade francesa, e mais especificamente a Paris da segunda metade do século XIX. Noção ou conceito, o de "habitat", que, criado com base no contexto parisiense citado, mostrou-se um bom instrumento de análise para o estudo do grave problema posto pela carência de habitações populares na cidade do Rio de Janeiro, na segunda metade do século XIX. E que, entendo ser um fato a ser melhor trabalhado, até porque, foi ele – desde que articulado com a questão do fim das relações, da sociedade e da cidade escravistas –, o que mais impulsionou o processo de formação do subúrbio e das primeiras favelas cariocas. E, não é a toa que, exatamente na época em o problema da habitação popular se acirrara, com o declínio e o fim da escravidão.

Mas, visto isso, podemos entender melhor a relação entre este contexto carioca e o significado do conceito de "habitat", nos dizeres de Lefebvre , ao informar que....

> *"En la segunda mitad del siglo, personas influyentes, es decir ricos, o poderosos, o ambos a um tiempo, ideólogos unas veces (Lê Play) de concepciones muy marcadas por la religion (católica o protestante), habiles hombres políticos otras (pertenecientes al centro-derecha)... . Em resumen, algunos 'notables', descubren uma nocion nueva, cuyo êxito, es decir, su realizacion sobre el terreno, seria cuenta de la III Reb~ublica. Los notables conciben el habitat... .A fines del siglo XIX, los notables aislan uma funciõn, la separan del conjunto extremamente complejo que la cidad era y continua siendo, para proyetarla sobre el terreno, sin por ello restar relevancia a la sociedad, a la que facilitan uma ideologia, uma practica, significando-la de esta manera." (LEFEBVRE, 1978, p.32).*

O mais revelador para o nosso estudo, é que ao serem deslocados para um habitat próprio, distante do centro da cidade, passam ao mesmo tempo a conviver com a noção de propriedade ou pelo menos de compra, venda, aluguel e outras que, de qualquer modo os envolve em uma relação tipicamente capitalista, por bens para si, com a importância de terem acesso à sua moradia, própria ou não. O fenômeno ganha maior significado quando o vemos ocorrendo ao mesmo tempo em que, no caso da cidade do Rio de Janeiro da época, vivenciava-se a plena transição ou passagem, transformação, do que era escravista para capitalista, inclusive dos espaços da cidade, seus arredores e além deles. Contexto e

conjuntura em que se abriam as condições históricas para o nascimento do subúrbio carioca, como o entendemos. E que, ao mesmo tempo, envolviam grande contingente de pessoas que já não encontravam outra alternativa que não a de morar sobre si, ou por sua própria conta, diferentemente dos escravos.

2 - Aspectos da cultura suburbana carioca, em sua formação

Esses e outros aspectos das mudanças, das mais diversas ordens e naturezas, que ocorriam entre as últimas décadas do século XIX e as primeiras do século XX, é que vinham dar cada vez mais sentido ao então nascimento do subúrbio carioca, tendo como efeito – como não poderia deixar de ser no contexto da época – a construção de uma nova distribuição social dos espaços, em âmbito municipal, e para além deste. Tal como era almejada, já havia décadas, pelas elites dominantes e capitalistas e pelos poderes públicos e privados instituídos[2]. Forças políticas e econômicas, sociais, ideológicas, que agora encontravam condições mais objetivas para se apropriarem dos espaços na cidade e no município do Rio de Janeiro. Ao mesmo tempo em que, para o novo espaço, o do subúrbio, foi sendo gradativamente deslocada juntamente com o grande número de trabalhadores e pobres, uma riquíssima e mui-diversa cultura popular. Uma cultura, vinda a princípio da cidade, trazida na bagagem de seus novos habitantes. Mas, que ao mesmo tempo, se fundia ao chegar, com antigas formas de expressão cultural locais, até então rurais, para, finalmente, dar forma e lugar à cultura tipicamente suburbana e popular carioca. Uma verdadeira costura de muitos pedaços, partes, formas, ritmos, cores, sabores, lazeres, festas, brincadeiras, de rua ou não, a música, a arte popular, os esportes, os hábitos e os costumes, entre outras formas e meios de seus habitantes exprimirem suas variadas culturas.

Enfim, diria que aqueles que foram, em meu entender, os pioneiros da formação do subúrbio carioca, chegaram a seus lugares, de malas cheias de particularidades culturais, entre outras. Com elas, aprenderam e souberam criar uma nova forma, que se traduziria em uma

[2] Importa destacar aqui uma boa discussão sobre o público e o privado, trabalhada por Barros, José d'Assunção, op.cit, pp.69-70, ao falar sobre *forma* urbana e nela citar as palavras de H.P.BAHRDT, ao dizer por exemplo que : *"Os setores da vida, que não podem ser caracterizados nem como 'públicos' nem como ' privados' perdem, por sua vez, o significado"*. E, na mesma página, que, na vida pública, "*...as instituições municipais constituem-se também em espaços para a expressão de poderes diversos* ", bem como que, ainda sobre tais instituições, *"A autonomia urbana e os poderes estatais disputam-nas..."*, tanto que afirma a seguir que o "*prefeito pode oscilar entre a nomeação por parte do governo central, por agrupamentos políticos intermunicipais, ou por eleição a cargo... dos próprios citadinos*". (BAHRDT, H,P., Apud BARROS, J. A., op. cit, pp69-70. Essas noções sobre o público e o privado, as instituições como espaços de poderes diversos, entre outras, nos auxiliarão, como aqui, em nossas futuras análises sobre o processo de reformas do centro da cidade e de formação do subúrbio cariocas.

cultura e em modos de viver, e de sobreviver e se relacionar com os demais e com o mundo, próprios do subúrbio carioca.

Parto do princípio que, ao mesmo tempo, formou-se uma área cujos lugares e seus novos habitantes eram dominantemente proletários e portadores (criadores, executores e receptores, criadores...) de uma cultura popular propriamente dita. Uma cultura viva, em ebulição, efervescente, alegre, e, portanto, cheia de vitalidade e de criatividade, que explodia nos – também novos e em transformação – lugares do subúrbio. Presente nos corpos e nas mentes daqueles que eram seus portadores, cuja nova morada passava a ser, ou ficava, na zona suburbana carioca. Uma cultura que, melhor dizendo, ficava assim no seu devido lugar, com suas antigas e novas particularidades em fusão, dentro de uma cidade e município que também se renovavam, no bojo de mudanças mais profundas que ocorriam no Brasil e no mundo da época. Um mundo, de onde vinham suas forças motrizes maiores, que lhes davam boa parte do sentido que adquiriam naquele contexto. E, só nele.

Em outro lugar e num outro tempo ou até ao mesmo tempo, as particularidades seriam outras, com novos sentidos e significados: os do mesmo lugar em outro tempo, ou os de outros lugares no mesmo tempo. Sobretudo se esses lugares forem distantes entre si, aconchegarem populações socialmente desiguais entre si, acolherem experiências, saberes e vivências de gente vinda de lugares (de outras regiões do país, de outros países, etc) diversos entre si. Trata-se aqui de construir essa noção. Ela não está e, acredito, nunca estará pronta e acabada, como continuaremos vendo, ao buscar mais fundamentos para uma melhor compreensão da formação do subúrbio carioca, objetivo esse que sempre nos será bem vindo, no andar dos estudos sobre o tema.

3 - Considerações sobre a formação do subúrbio carioca

Feitas as reflexões acima sobre nosso objeto de estudo aqui, vejamos agora, nos limites deste artigo, os aspectos que entendemos mais terem colaborado para a formação do subúrbio carioca.

Consideremos de início que tal formação envolveu, no mesmo tempo histórico, a passagem de uma vida rural para uma vida tipicamente urbana, no espaço a ele atribuído, associada estreitamente à transição da antiga sociedade escravista para a capitalista. Bem como que, esse fato impulsionou e esteve combinado a transformações profundas que já afloravam há tempo na vida econômica, social e cultural do Rio de Janeiro. Tanto no centro da cidade, como nas áreas que passavam a ser reconhecidas oficialmente como suburbanas, logo nos primeiros anos da República. O que, em si já é, em meu entender, indicador de uma

nova condição que lhe era dada no município, sede de um governo federal recém instaurado, e cujos representantes e os mais representados, se apropriavam dos espaços urbanos já consolidados e criavam outros. Isso tudo em nome da *modernização*, da *civilização*, em moldes capitalistas, e da europeização da cultura. Assim como, em prol de grupos e setores, que pretendiam acumular e reproduzir seus capitais, e, com eles, apropriar-se da cidade e do poder de decidir sobre o seu destino e o de seus habitantes.

Ao falar de cidade e cultura urbana na Primeira República, José de Moraes revela bem o contexto que envolvia o país e as suas principais cidades, ao informar que:

> *"No campo social, o fim da escravidão significava a queda de um empecilho real e moral para a modernização do país. Entretanto, apesar do quadro político, econômico e social aparentemente favorável, a população negra continuava excluída do processo de crescimento econômico e material do país e do exercício da cidadania. A maior parte dos negros e mestiços engrossaria a população pobre e miserável das médias e grandes cidades." (MORAES, 2001, p.6).*

Prosseguindo sobre o peso que o passado agrário e escravista, e seus rastros, deixavam como marca no processo de expansão urbana, o mesmo autor diz que:

> *"O desenvolvimento e o crescimento urbano em certas áreas do país foram espantosos e, as vezes, muito rápidos (como em São Paulo e no Rio de Janeiro), gerando uma vida urbana bastante especial e contraditória, pois ela se erguia fundada em uma sociedade agrária recém saída da escravidão, cujos traços mais evidentes insistiam em permanecer. Modelos de urbanização e de cidades modernas tentaram impor-se nesse período, promovendo no tecido urbano e social autênticas cirurgias, que, de algum modo, procuravam apagar as características ligadas ao mundo rural de nossa sociedade." (MORAES, 2001, p.6).*

Sem dúvida isso ocorria, mas eu acrescentaria, nesse caso, que se tratavam de modelos que procuravam apagar, antes de tudo, as características escravistas que, ainda recentes, sobreviviam como empecilhos aos planos de apropriação da cidade por elites capitalistas, que chegavam ao poder com a República.

Indo mais além, a cidade e seus arredores em processo de reurbanização e urbanização, respectivamente, não cediam seus espaços aqueles que não possuíssem capital para pagar, a começar, pelo crescente custo do solo urbano. Como afirma Henry Lefebvre, a cidade – no caso a capitalista – é constituída de espaços que se inserem no mundo das mercadorias, ao mesmo tempo que por uma população socialmente desigual (LEFEBVRE, 1978, pp.123-27). O que, no caso do Rio de Janeiro de meados do século XIX, faz com que aqueles que não têm como pagar por seus chãos – situação agravada com o declínio e, sobretudo, com o fim da escravatura –, sejam levados a se deslocar, além das favelas, para a periferia, como ocorreu ao nascer o subúrbio carioca, nosso exemplo aqui. Sobre essa questão, José de Moraes informa acertadamente que:

> *Nem todos, portanto, podiam usufruir plenamente os avanços e benefícios dos serviços urbanos. Apenas a parcela mais rica da população tinha essa oportunidade, nos bairros de elite e no centro comercial.*
> *Com a expansão física, os terrenos centrais vazios tornam-se raros, provocando uma alta de preços. Acompanhando esse processo, as construções ficaram mais caras e, consequentemente, faltavam habitações e o aluguel subia cada vez mais. Essa falta de moradia empurrou grande parte da população para as moradias coletivas (cortiços) ou para habitações distantes do centro comercial. (MORAES, 2001, p. 15).*

Neste trecho, Moraes revela um contexto bem próprio da cidade do Rio de Janeiro do terceiro quartel do século XIX. Nele, eu reforçaria o clima e o ambiente caloroso das transformações que ocorriam, ao incluir o fato de todos ali estarem vivendo o processo de transição das relações escravistas para as capitalistas. Também que, nesse caso, o problema da habitação popular ia muito além do encarecimento dos aluguéis e da morada pobre de um modo geral. Combinava-se a isso algo bem mais profundo e presente em todos os detalhes do cotidiano e do processo que estava em andamento, e em uma verdadeira ebulição. Como por exemplo, a reação e a ação dos poderes públicos e privados, sobre à proliferação da pobreza e da miséria. Sobre isso o autor diz que:

> *Além dos problemas de moradia, os transportes públicos eram extremamente precários, o abastecimento de alimentos era mais difícil para a população pobre, a falta de coleta de lixo implicava a falta de higiene, inexistia iluminação, etc. A pobreza, a miséria e os flagelos sociais cresciam mais rapidamente que as estruturas urbanas, e os poderes públicos e privados negligenciavam tal fato. (MORAES, 2001, p.15).*

Ocorre que, o problema que se impunha aos que iam sendo, pelas mais diversas razões, liberados do trabalho escravo, é que precisavam de custear não são só a sua moradia, como a alimentação, o vestuário, o transporte e tudo o mais! Só assim se enquadravam na nova condição social de ‘livres’. Com tudo o que isso representava para sua sobrevivência. Importa notar ainda, que ao passarem a residir em habitações coletivas, os ex-escravos pelo menos, não viveram uma grande novidade, pois vinham de uma experiência de morada em geral também coletiva. Os imigrantes estrangeiros, por seu turno, também não se conflitavam com isso, a não ser, talvez, com o fato de conviverem nas mesmas habitações em que passavam a morar, com ex-escravos, que se tornavam para eles, inclusive, novos concorrentes no crescente mercado de trabalho.

Um contexto cheio de diferenças e desigualdades, mas que, como diria George Novack (NOVACK, 1973), se combinavam entre si, dando sentido às grandes mudanças sociais, econômicas e culturais que aconteciam na cidade, no município e no país, da segunda metade do século XIX, envolvidos em um contexto mais amplo: o do capitalismo internacional.

Ao remeter-se ao impulso dado a esse processo pelo transportes ferroviários, afirma:

> *"Vilas e cidades surgiam em torno das estações ferroviárias. Nos grandes centros urbanos, os bairros populares também se organizavam à sua volta. A importância das ferrovias chegou a tal ponto, que a locomotiva a vapor tornou-se o símbolo do progresso durante o século XIX." (MORAES, 2001, p.13).*

O trecho citado acima, ganha sentido aqui ao discutir o papel dos trens, que em geral, como dentro da perspectiva lançada, parece assumir quase que a responsabilidade de ter dado origem ao subúrbio carioca. Assim, diria ver os trens não como um dos responsáveis pela formação do subúrbio, mas como um veículo utilizado pelo capital, inclusive o internacional. Isso, para maior escoamento de mercadorias, circulação de mão-de-obra (agora livre para circular) e de matérias-primas e produtos alimentícios entre outros, do interior longínquo para o centro urbano, o seu porto e o seu mercado consumidor. Assim como, que as razões que levaram à formação do subúrbio foram bem mais profundas. Passaram pela transição do escravismo para o capitalismo no Rio de Janeiro, pelas ações e intervenções do Estado nesse processo, pela instalação das indústrias no centro urbano, pela crise das habitações populares. Bem como pela gana dos capitais ansiosos por se apropriarem das áreas centrais da cidade, para a expansão e a reprodução de seus negócios, só possíveis com a adequação dos espaços da cidade e do município do Rio de Janeiro aos moldes do moderno capitalismo, já em tempo de imperialismo. É nesse contexto diverso em contradições e acelerado em suas transformações que em nosso entender deve ser explicada a formação do subúrbio carioca. Ao se colocar os trens em primeiro plano, tende-se, como é muito comum, a não dar o justo destaque às razões que realmente se forjaram, em meio às grandes mudanças sociais, econômicas, políticas, ideológicas e culturais, entre outras, de outras ordens ou naturezas, para que o subúrbio carioca se formasse com as funções a ele atribuídas, como uma área dominantemente residencial proletária. O que, ao mesmo tempo que possibilitava a expulsão dos pobres e trabalhadores, e suas moradas, das áreas centrais e valorizadas da cidade. Permitia que os mesmos, residindo fora do centro, mantivessem nele os seus locais de trabalho, aí sim, se utilizando dos trens no contato diário entre o crescente mercado de trabalho urbano, ainda concentrado na cidade, e as suas novas moradas, no subúrbio, sem que isso afetasse a acumulação dos capitais que tomavam o espaço da mesma cidade.

Bibliografia

BARROS, Assunção d'. Cidade e história. Petrópolis, R J: Vozes, 2007.

LEFEBVRE, Henri. El derecho a la ciudad. Barcelona:Ediciones Península, 1978.

EFEGÊ, Jota. Figuras e coisas do carnaval carioca. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1982.

MORAES, José Geraldo Vinci de. Cidade e cultura urbana na Primeira República.São Paulo: Atual, 2001.

NOVACK, George. La ley del desarrollo desigual y combinado. Arregui: Ediciones Pluma, 1973.

PINTO, Alexandre Gonçalves. O choro: reminiscências dos chorões antigos. Rio de Janeiro: Tipografia Glória, 1936. 208p.

SANTOS, Joaquim Justino Moura dos. História dos Lugar: um método de ensino e pesquisa para as escolas de nível médio e fundamental. In: História, Ciências, Saúde, Manguinhos. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, Casa de Oswaldo Cruz, 2002. vol. 9(1), janeiro – abril , pp. 105-24.

_____. De Freguesias Rurais a Subúrbio: Inhaúma e Irajá no Município do Rio de Janeiro. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo – USP, 1997.

_____. Contribuição ao Estudo da História do Subúrbio Carioca: A Freguesia de Inhaúma- de 1743 a 1920. Dissertação de Mestrado. IFCS-UFRJ, 1986.

TINHORÃO, José Ramos. Música Popular: um tema em debate. 2ª edição. Rio de Janeiro: JCM Editores, s.d (1ª edição 1966).

_____. Música popular: teatro e cinema. Petrópolis: Vozes, 1972.